

A angústia frente ao não saber: professores e alunos-já-professores entre impasses no ensinar-aprender

Silvano Messias dos Santos¹

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida²

Como recorte temático de pesquisa de doutorado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília – PPGE/UnB com o apoio da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, este texto propõe refletir sobre a angústia de professores e alunos-já-professores frente aos impasses que atravessam o ensinar e o aprender nas Ciências Exatas. Os sujeitos participantes do estudo são professores universitários e alunos-já-professores vinculados aos cursos de licenciatura em Física, Matemática e Química da UFOB. Por alunos-já-professores, nos referimos aos sujeitos que são, simultaneamente, estudantes dos cursos de licenciatura mencionados e professores, temporários ou efetivos, em escolas públicas ou privadas da educação básica.

A pesquisa inscreve-se na abordagem qualitativa utilizando entrevistas clínicas como técnica para construção de dados complementares à escrita da Memória Educativa. Inspirada nos registros freudianos, a Memória Educativa configura-se como um dispositivo de pesquisa proposto por Almeida (2012) como possibilidade de resgate das experiências vividas pelos sujeitos (professores e alunos) em suas trajetórias formativas, para compreensão das marcas que os constituem, e suas possíveis repercussões no ensinar e no aprender.

Em *Angústia e instintos*, Freud (1930/2010, p. 224) entende a angústia como “um estado afetivo, ou seja, uma união de determinadas sensações da série prazer-desprazer”. Nesse texto, assim como em *Inibições, sintomas e angústia* (FREUD, 1926), o autor discorre sobre três tipos de angústia: realista, neurótica e de consciência, sendo a primeira “correspondente à dependência do eu em relação ao mundo externo”, a segunda “resultante da dependência do eu em relação ao isso” e a angústia moral “produzida pela relação do eu com o supereu” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 547). Noutras palavras, na angústia realística tem-se “como característica o fato de o perigo ser conhecido, enquanto na angústia neurótica

¹ Doutorando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB). E-mail: silvannomessias@yahoo.com.br

² Professora orientadora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB). E-mail: almeida@unb.br

o perigo seria pulsional e desconhecido”, segundo Miranda (2017, p. 258), ambas podendo, também, se manifestar de forma associada.

Em estudo exploratório que realizou sobre “angústia realística”, mal-estar docente e sua relação com os saberes e discursos circulantes sobre o fracasso escolar, Miranda (2017) destaca 3+1 elementos desencadeadores de angústia em professores de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e médio. Interessante sublinhar que as mesmas fontes desencadeadoras de angústias sinalizadas pelo pesquisador comparecem em professores e alunos-já-professores dos cursos de Física, Matemática e Química da UFOB. São elas: i) angústia frente ao não saber; ii) angústia frente ao não saber fazer; iii) angústia frente aos impasses da contemporaneidade; e iv) angústia frente a uma impossível saída para o mal-estar docente.

Em relação à angústia frente ao não saber, Miranda (2017, p. 260) destaca o fato de as múltiplas dificuldades escolares apresentadas pelos alunos repercutirem nas professoras da pesquisa: “se sentem constantemente inquietas por eles parecerem refratários aos conteúdos ensinados e, mais ainda, por elas se sentirem constantemente pressionadas pela escola para fazer com que tais alunos assimilem os conteúdos escolares”. Nesta direção, a pesquisa em desenvolvimento evidencia que os docentes universitários, diante do não aprender em cursos de formação inicial de professores, também sentem as mesmas angústias frente ao não saber dos estudantes que “se preparam” para o exercício da docência. Os altos índices de reprovação em componentes curriculares e desistências de curso têm gerado mal-estar e angústias nos professores e alunos-já-professores, que, frente ao não saber, não sabem o que fazer com “Isso”.

Eis aí a segunda fonte desencadeadora de angústia em professores, segundo Miranda (2017), o não saber fazer, que compreende as dificuldades em lidar com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, como deficiências sensório-motoras, cognitivas, hiperativas e autistas. Para o autor, duas realidades se conflitam no cotidiano escolar: “Por um lado, há uma queixa por parte dos professores que não se sentem capacitados a lidar com as crianças com necessidades educacionais especiais e, por outro, há o dizer da rede de ensino acerca da oferta de cursos de formação para professores nessa área”. Similitude de situação ocorre no contexto da UFOB e das escolas frequentadas pelos alunos-já-professores: impotentes frente ao não saber fazer, os docentes se enlaçam ao discurso médico/psicopedagógico sobre os problemas de aprendizagem, o que parece potencializar ainda mais seu mal-estar.

Sobre o terceiro elemento gerador de angústia – os impasses da contemporaneidade –, entram em cena “os fenômenos contemporâneos da violência, de usos dos dispositivos eletrônicos, do tédio e do desinteresse dos alunos, do suicídio de jovens”, dentre outros, que se manifestam no cotidiano escolar e universitário (MIRANDA, 2017, p. 261). A respeito do quarto elemento – da saída para o mal-estar docente –, revela-se “a condição de impotência dos professores [que] ficou demonstrada na angústia gerada pela crença de não se ter uma saída para o mal-estar docente” (ibidem, p. 261). Em outras palavras, a descrença dos professores em encontrar uma solução para os impasses na educação, ou uma resposta para suas incertezas e queixas, parece potencializar a angústia: deparam-se com um perigo difícil de nomear, mas que é real e ameaçador, capaz de gerar sofrimento, dor, desprazer.

Os professores apontam algumas deduções sobre suas angústias em relação ao não saber e não saber fazer: de um lado, os professores se dizem angustiados com as dificuldades de aprendizagem dos estudantes e com suas próprias limitações; de outro, os estudantes, diante dos impasses vividos nas tentativas de aprender, muitas vezes pensam o saber nas Ciências Exatas como algo inacessível e em virtude das frustrações acadêmicas muitos se abrogam do processo de ensino-aprendizagem, motivados pelo sentimento de aversão que desenvolvem em relação a esse *saber estranhado*, difícil de ser apre(e)ndido. Os discursos socioculturais que concebem o saber nas Ciências Exatas “como difícil e para poucos”, em circulação no imaginário social e educativo, parecem colaborar para essa relação traumática do sujeito com o saber e o aprender.

Ainda acerca do mal-estar docente, faz-se necessário lembrar que, para além dos fatores despertadores de angústia mencionados por Miranda (2017), existem outros que a eles se agregam e repercutem, direta ou indiretamente, no ensinar e aprender, como evidenciam a pesquisa em desenvolvimento no âmbito da UFOB, tais como: a falta de valorização da profissão docente, os baixos salários dos professores, as condições precárias de trabalho, o excesso de cobranças e culpabilização do professor pelos fracassos escolares, a perda da autoridade docente, dentre outros.

Em seus diálogos com as teorias sobre a angústia em Freud e Lacan, para buscar possibilidades de ler e trabalhar a angústia que emerge nas experiências educativas escolares e na formação de professores, Zelmanovich (2017) afirma:

Poderíamos sintetizar que a angústia é a sensação do sujeito diante de coordenadas reais convergentes: diante do desejo do Outro, que não reconhece o sujeito em suas insígnias, sua investitura narcísica, sua máscara de fantasia; e diante do não reconhecimento da causa da angústia no ser

pulsional. Essas duas coordenadas têm toda a importância para o trabalho educativo, com suas consequências para a formação docente. Ambas advertem sobre o papel que tem o olhar do Outro, cunhado e encarnado na figura docente, cujo gesto do não reconhecimento pode desencadear a angústia do lado do estudante, que retorna como angústia no docente diante do declínio de sua função que o sustenta como professor. Também adverte sobre o trabalho que a cultura opera sobre o destino sublimatório da pulsão (ZELMANOVICH, 2017, p. 250).

Ainda segundo Zelmanovich (2017, p. 244), a angústia que emerge, ou que pode emergir, na cena pedagógica também “pode constituir uma oportunidade para a abertura de uma experiência educativa”, revelando-se como problema ou solução: o professor tanto pode deixar-se imobilizar pelo desespero que o paralisa ou cogitar a possibilidade da fuga, como também pode conseguir “transitar a experiência de educar ao temporizar sua angústia, que lhe permite significá-la” (ibidem, p. 247).

Neste sentido, a autora sugere que, sem querer atribuir à psicanálise a função impossível de curar a educação de seus males, uma formação de professores orientada pela psicanálise talvez ofereça ao professor ou “candidato a professor a possibilidade de ser um docente sensível aos indícios da própria angústia, em que possa reconhecer ali uma possível abertura, apoiada em recursos teóricos que permitem ler os efeitos que se produzem nas salas” (ibidem, p. 250), para, ao invés de fugir ou se deixar imobilizar, conseguir re-posicionar-se subjetivamente, re-pensar, re-criar e se re-inventar frente ao “impossível do educar”, pois cada professor, animado pelo desejo, lida com a angústia à sua maneira.

Referências:

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1926.

_____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Originalmente publicado em 1930/1936.

MIRANDA, Cássio Eduardo. “Angústia real” e mal-estar docente: fragmentos de uma conversa. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (Org.). **Os sintomas na educação de hoje: o que fazer com “isso”?** Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 252-264.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZELMANOVICH, Perla. Considerações sobre a angústia como obstáculo e oportunidade para lidar com o segregativo na formação de professores. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (Org.). **Os sintomas na educação de hoje: o que fazer com “isso”?** Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 241-251